

A mulher como sedutora: representações arquetípicas femininas a partir do mito cristão

Mariana Vaz Barbosa Ribeiro¹, Patrick Wagner de Azevedo²

(1) Aluna do ISECENSA – Curso de Psicologia; (2) Pesquisador Orientador – Curso de Psicologia

- Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

Desde as mais antigas civilizações, a figura feminina é colocada em uma posição de inferioridade em relação aos homens e como possuidora de uma potencialidade para o mal. Durante séculos, a Igreja Católica apontou o corpo da mulher como evocação do diabo, afinal, ela peca sendo o objeto de pecado e fazendo o homem pecar. Desde os escritos em Gênesis, onde Eva come o fruto proibido e o oferece a Adão sendo considerada responsável por trazer o mal para a humanidade, passando pela criação de diversos demônios femininos, até os dias atuais onde se repercutem todas essas ideias, que podem ser consideradas representações arquetípicas. Em contrapartida, têm-se a imagem da Virgem Maria, na tradição católica, que é vista como modelo de mãe e mulher. Maria é a mãe de Jesus, e aparece no mito cristão como a imaculada, pura, carregando essa missão maternal e piedosa para com Jesus e a Igreja. Na psicologia junguiana, os arquétipos dizem respeito a estruturas básicas ou predisposições herdadas, padrões universais da psique. São como formas que dão estrutura e formato para temas universais e coletivos, e vão sendo preenchidas a partir das experiências e vivências individuais. Já as representações arquetípicas, são as manifestações desses padrões, que se dão em forma de símbolos, mitos, personagens e temas recorrentes na cultura, mitologia e religião. Assim, o trabalho visa apresentar alguns mitos do corpo feminino buscando entender a construção desse lugar de representação do mal e como essa ideia se tornou discurso de agentes sagrados e foi difundida na sociedade, afetando a formação da psique feminina e do imaginário social. Na atualidade, podemos observar as consequências desses discursos quando são utilizados para justificar, por exemplo, estupros e abusos, onde se coloca a culpa na mulher pela sedução, seja pela forma de se comportar ou de se vestir, por exemplo. Dessa forma, o trabalho também objetiva fazer um contraponto entre duas representações arquetípicas do feminino, Eva, a mulher como sedutora para o mal e Maria, como salvação e bondade, e por fim, fazer correlações com a Psicologia Junguiana, proposta por Carl Gustav Jung. O propósito que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é “compreender a construção desse lugar de representação do mal para com o corpo feminino e como isso afeta a psique feminina.” O método escolhido foi a pesquisa bibliográfica. Para a pesquisa de todo o projeto, foram utilizadas as plataformas virtuais Google Acadêmico, Scielo e Pepsic, onde foram encontrados 16 artigos, sendo todos aproveitados. Também foram utilizados 3 livros. No imaginário social, vemos claramente ou de forma velada o julgamento para com a sexualidade da mulher como um todo e o estímulo para que a mulher siga caminhos pré-determinados. Na história da humanidade esses discursos foram se difundindo e desempenhando papéis na formação da psique de todas as mulheres, independentemente de sua crença, afinal, tomando como base os escritos de Jung, somos todos afetados pelos conteúdos presentes em nosso inconsciente. Isso se dá a partir do inconsciente coletivo, a instância psíquica permeada de conteúdos universais, chamados arquétipos. Estes, são representados por símbolos, mitos e outros fatores como a religião, e influenciam diretamente a psique em sua construção e transformação. À medida que as ideias são difundidas em sociedade, vão influenciando o comportamento e os pensamentos da mulher desde sua constituição. Com isso, reforça-se a necessidade de colocar em pauta a presença dessas ideias no imaginário social há épocas e a maneira como as mesmas afetam o modo de ser das mulheres em sua vida psíquica e em sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Feminino. Arquétipo. Representações arquetípicas. Mitos
Instituição de Fomento: ISECENSA.

The Woman as Seductress: Feminine Archetypal Representations from the Christian Myth

Mariana Vaz Barbosa Ribeiro¹, Patrick Wagner de Azevedo²

(1) Student at ISECENSA – Psychology Program; (2) Research Supervisor – Psychology Program – Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brazil.

Since the earliest civilizations, the female figure has been placed in a position of inferiority compared to men and perceived as possessing a potential for evil. For centuries, the Catholic Church pointed to the female body as a manifestation of the devil, considering it sinful both as the object of sin and as the cause of men's sins. From the writings in Genesis, where Eve eats the forbidden fruit and offers it to Adam, being held responsible for bringing evil to humanity, through the creation of various female demons, to the present day where these ideas continue to be echoed, these can be considered archetypal representations. In contrast, there is the image of the Virgin Mary in Catholic tradition, who is seen as a model of mother and woman. Mary is the mother of Jesus and appears in Christian myth as the immaculate and pure one, carrying a maternal and pious mission towards Jesus and the Church. In Jungian psychology, archetypes refer to basic structures or inherited predispositions, universal patterns of the psyche. They are like forms that provide structure and shape to universal and collective themes, being filled in by individual experiences and lives. Archetypal representations are the manifestations of these patterns, appearing as symbols, myths, characters, and recurring themes in culture, mythology, and religion. Thus, the work aims to present some myths about the female body, seeking to understand the construction of this representation of evil and how this idea has become the discourse of sacred agents and has been disseminated in society, affecting the formation of the female psyche and social imagination. Nowadays, we can observe the consequences of these discourses when they are used to justify, for example, rape and abuse, where the woman is blamed for seduction, whether through her behavior or dress. Therefore, the work also aims to provide a counterpoint between two archetypal representations of the feminine: Eve, the woman as a seductress of evil, and Mary, as salvation and goodness. Finally, it seeks to draw correlations with Jungian Psychology, as proposed by Carl Gustav Jung. The purpose guiding the development of this research is to "understand the construction of this place of representation of evil concerning the female body and how it affects the female psyche." The chosen method was bibliographic research. For the research of the entire project, virtual platforms such as Google Scholar, Scielo, and Pepsic were used, where 16 articles were found and utilized. Three books were also used. In social imagination, we clearly or covertly see judgment regarding female sexuality as a whole and the encouragement for women to follow predetermined paths. Throughout human history, these discourses have spread and played roles in shaping the psyche of all women, regardless of their beliefs. Based on Jung's writings, we are all affected by the contents present in our unconscious. This occurs through the collective unconscious, the psychic instance permeated with universal contents called archetypes. These are represented by symbols, myths, and other factors such as religion, and directly influence the psyche in its construction and transformation. As ideas are disseminated in society, they influence women's behavior and thoughts from their constitution. Thus, it reinforces the need to highlight the presence of these ideas in social imagination over time and how they affect women's ways of being both in their psychic life and in society.

Keywords: Woman. Feminine. Archetype. Archetypal representations. Myths.

Support: ISECENSA.